

Artigo de Revisão

Ciência e o conceito de corpo e saúde na Educação Física

Caio Rotta Bradbury Novaes

Holmes Place Health Club das Amoreiras, Lisboa, Portugal

Resumo: O intuito deste estudo é demonstrar um fragmento da discussão epistemológica na educação física e seus reflexos para dois conceitos fundamentais da área: corpo e saúde. A atualidade desta discussão para o campo da educação física mostra-se um desafio aos pensadores deste tema, às vezes tido como “sem relevância” ou “já superado”, por muitos acadêmicos e profissionais. A intervenção profissional da educação física na área da saúde é marcada de maneira hegemônica pelo viés biológico, pautado na racionalidade médica, e de cunho privado e individual; tal visão obsta uma perspectiva globalizante do fenômeno. Assim, propõe-se uma reflexão a partir da ruptura paradigmática perspectivada pela teoria da motricidade humana, cuja singularidade não está no objeto, mas no campo de estudo que pode permitir o entrecruzar de olhares transdisciplinares sobre o próprio fenômeno do corpo e da saúde. Este estudo lançará suas reflexões a partir de uma revisão bibliográfica sobre o tema.

Palavras-chave: Corpo. Saúde. Conhecimento.

Science and the concept of body and health in the Physical Education

Abstract: The purpose of this study is showing part of the epistemological discussion in physical education and its consequences concerning two fundamental concepts: body and health. In physical education, this discussion nowadays seems to be a challenge to the thinkers about this subject, which is, sometimes, considered “without relevance” or “done”, by lots of students and professionals. The professional intervention of physical education in the health field is shown in a hegemonic way through the biology, directed according to the medical rationality, being private and individual. That view is opposed to its global perspective. Thus, a reflection is proposed, from a paradigmatic break which takes place through the human motricity theory, whose singularity is not in the object, but in the study field which may allow some relation between the transdisciplinarity when talking about body and health. This reflection in this study will take place from a bibliographic review about the theme.

Key Words: Body. Health. Knowledge.

Introdução

Na área da educação física muitas vezes a discussão epistemológica, figurativa do pensamento radical, aparece como uma questão sem valor no discurso de acadêmicos e profissionais, como pude constatar em reuniões de colegiado e nas conversas informais com colegas de trabalho, na ocasião de recém formado bacharel. Os primeiros parecem cômicos de que confrontar tal questão envolveria mover conceitos cristalizados e solidificados em suas áreas de domínio, resistindo em deixar esta “zona de conforto” conceitual para lançarem-se a este desafio. Já os últimos, muitas vezes amparados pela inobservância acadêmica, limitam-se a condenar tal debate como “um teorizar estratosférico”, muito distante da lida prática do cotidiano profissional.

A epistemologia, conceituada como uma “disciplina cujo objeto de estudo é a ciência” ([DUROZOI & ROUSSEL](#), 1993 p. 158), tem como

meta estudar criticamente os “[...] princípios, as hipóteses gerais, as conclusões das várias ciências para delas apreciar o valor e o alcance objetivo” (p.158).

[Durozoi e Roussel](#) (1993, p. 158) apontam ainda que figura entre as preocupações da reflexão epistemológica recente, “[...] as relações que podem existir entre a conduta científica e sua ambivalência sócio-política (financiamento das pesquisas, ligações eventuais com o poder).”

Podemos postular as diferenças epistemológicas entre os *racionalistas* e os *relativistas*, usando aqui a terminologia adotada por [Chalmers](#) (1982, 1994), no que tange ao modo como avaliam teorias e realizam a distinção entre ciência e não ciência do seguinte modo: o primeiro grupo defenderá a existência de um conhecimento absoluto, pré-existente ao labor científico, cujo resultado é a descoberta do mesmo; já o segundo, apontará como fundamentais a análise do contexto sócio-

histórico no qual acontece a atividade científica / conhecimento, observando assim este último como um construto.

Para auxiliar tal análise, podemos também levar tais diferenças ao âmbito da sociologia do conhecimento, precisamente ao estatuto das ciências culturais e das ciências naturais, como [Machado Neto](#) (1979) explicita:

[...] o físico, o químico, e mesmo o biólogo podem dar-se ao luxo de negligenciar a preparação epistemológica, fiados na segurança que a comprovação experimental pode imprimir aos seus respectivos departamentos científicos... Outro tanto não se passa com o historiador, o sociólogo, o jurista, o economista ou o pedagogo, por mais promissores que tenham sido os primeiros ensaios de aplicação prática das verdades descobertas por suas ciências... O objetivo de dominação, peculiar a toda ciência, é, nelas, ao menos, muito mais projeto do que realização, e todo exagerado otimismo, nesse ponto, só pode ser prejudicial. ([MACHADO NETO](#), 1979, p. 31)"

Podemos assim entender a grande monta de conflitos que aflige as ciências culturais, perante a hegemonia das ciências naturais – tida como juiz severo que separa a ciência da não ciência. Como coloca [Machado Neto](#) (1979), a “fundamentação das humanidades ou ciências humanas” seria a grande missão da filosofia contemporânea.

Sobre a epistemologia hoje, [Sergio](#) (2003a) aponta que

As dimensões do acto epistemológico, a partir de determinada altura, necessitam de uma inteligibilidade que é mais social e filosófica do que científica [...] A ciência *pós-normal*, para mim, é a *ciência-cultura*, onde a meditação metafísica se casa com o rigor matemático, a observação, a experimentação e, como vimos atrás, a poesia e o sonho. ([SERGIO](#), 2003a, p. 71-72)

Esta abertura à sociedade será chamada por [Sergio](#) (2003a) de *imaginário ecológico*, situando o fazer científico ao contexto do seu tempo e de sua cultura.

Outro pensador cuja obra é considerada capital para a compreensão da atividade científica contemporânea é Pierre Bourdieu, cujas teorias já foram utilizadas no entendimento da atividade científica da área da saúde ([LOUZADA & SILVA FILHO](#), 2005) e da própria educação física ([BRACHT](#), 2003; [PAIVA](#) 2003; [CAMPOS](#) 2003; [NOVAES](#), 2006),

[Bourdieu](#) (1989; 2004) que ao longo de sua vasta obra versou sobre diversos temas, elaborou uma consistente tessitura conceitual sobre a

teoria dos campos e do *capital específico* de cada campo. Embora estes conceitos encerrem em si uma possibilidade metodológica de grande vigor, destaca-se aqui apenas a contribuição teórica destes conceitos, que reforçam a responsabilidade social que a ciência deve assumir nestes novos tempos.

Compreende-se, portanto, que o campo quando configurado, identifica-se como um espaço de lutas sociais simbólicas entre grupos de dominantes e dominados em torno de um capital simbólico específico, cuja natureza varia de acordo com os valores do campo. No caso do campo acadêmico, este capital simbólico pode ser entendido como o prestígio pessoal, institucional, de uma teoria ou conceito, etc.

Em pesquisa anterior, [Novaes](#) (2006) utilizando-se deste referencial explicitou como as disputas deste campo em torno do capital simbólico podem influenciar na constituição de programas de pós graduação na educação física, muitas vezes suplantando a atividade epistemológica que lhe seria cara.

Compreende-se após a ilustração deste cenário, a singularidade enfrentada na compreensão do campo da educação física, quando possui matrizes de pensamento baseadas em tradições epistemológicas tão distintas.

A configuração identitária da educação física vivencia um longo conflito ([TANI](#), 1996; [BRACHT](#), 2001; [BETTI](#), 1996) que coloca dificuldades no estabelecimento de sua autonomia acadêmica e profissional, quesito importante na legitimação de suas propostas.

Dados os indícios da pouca *capacidade de refração* do campo acadêmico da educação física ([NOVAES](#), 2006), ou seja, sua habilidade de retraduzir sobre sua lógica os conflitos externos à área, os conceitos de corpo e saúde que instrumentalizam a área constituem-se a partir da ciência legítima, ou seja, o modelo biológico de corpo e a racionalidade médica como parâmetro de saúde.

A discussão epistemológica da educação física, iniciada na década de 80, ganhou novos contornos na atualidade a partir dos colóquios sobre epistemologia promovidos pelo CONFEF (Conselho Federal de Educação física), bem como pelo GTT de epistemologia mantido pelo CBCE (Colégio Brasileiro de Ciências do

Esporte), demonstrando um interesse renovado pelo tema na área. Porém, observa-se que este interesse ainda mantém-se isolado, não sendo compartilhado pela área como um todo.

Aponta-se aqui que os debates epistemológicos da educação física mostram-se polarizados entre uma matriz pedagógica e uma matriz científica (BETTI, 1996), sendo que a matriz científica aponta para a perspectiva da Cinesiologia e da Motricidade humana como alternativas.

Tal matriz aparece com mais frequência nos discursos, embora ainda estejam mais em nível de projetos do que realidades nos currículos. (NOVAES, 2006)

Entretanto, mesmo quando a estrutura multidisciplinar das propostas curriculares atuais da educação física não apresenta explicitamente suas referências epistemológicas, o teor das disciplinas e sua forma de organizar-se deixam clara a hegemonia biológica como a ciência legítima que é valorizada pela área, no que tange ao campo da saúde.

A exclusividade da concepção de corpo biológico, concretizada nos currículos, tende a objetivar o indivíduo, colocando a saúde apenas como resultado de um funcionamento fisiológico eficaz. Porém, mesmo diante da crescente demanda pela intervenção profissional da educação física, coloca-se a questão: estaríamos de fato promovendo a saúde? O conceito de corpo que instrumentaliza nossa prática é suficiente para isso?

Na busca de algumas pistas a estas questões, propõe-se uma reflexão sobre a o conceito de corpo e saúde na educação física atual, ao que se seguirá uma breve análise sobre o referencial epistemológico que fundamenta tais conceitos: o positivismo a partir da perspectiva biomédica. A seguir, se trará como proposta-tema para reflexões uma visão do referencial hermenêutico e sua perspectiva dentro da motricidade humana, ressaltando pontos de aproximação entre este referencial e a motricidade humana.

Após esta sessão, se fará uma breve abordagem do corte epistemológico proposto, representando a transição da educação física para a ciência da motricidade humana. Como uma reflexão final, propõe-se uma análise dos conceitos de corpo e saúde na perspectiva da motricidade humana, apresentando tal

perspectiva mais como um espaço de diálogo do que uma demarcação científica.

Vejamos, a partir de um olhar mais próximo, como se dá este trajeto.

Ciência, corpo e saúde na educação física

Para abordarmos esta tríade, cujos componentes interligam-se intrinsecamente, faz-se necessário uma aproximação de cada um dos temas e de suas ligações. A Educação Física, enquanto área de intervenção acadêmico-profissional (BRASIL, 2004) teve de galgar importância e *status* social a partir de:

- uma demanda social impulsionada, de modo geral, pela necessidade de promoção de saúde; em segundo plano, seguiram-se as intenções de formatação educacional e moral das populações (OLIVEIRA, 2001; BETTI, 1991, CASTELANI FILHO, 1994)
- tais práticas, devido à crescente relevância, tiveram de amearhar legitimidade acadêmica através de um modelo científico bem instituído, (BRACHT, 2003, NOVAES, 2006);

Assim, sua legitimidade social foi conquistada pelo viés da saúde, sendo que mesmo sua entrada no ambiente escolar, não se deu primeiramente pela importância pedagógica, como as demais disciplinas (PAIVA, 2003)

O modelo científico de saúde adotado é o modelo biológico, cujo método, ou crivo de legitimidade é o positivismo. Assim, sendo a ciência a grande organizadora do real a partir da modernidade, o conceito de corpo adotado na área é o *corpo biológico* devendo esta perspectiva assumir hegemonia. Torna-se claro que a saúde depende do corpo, sendo ele definido como um ser biológico de onde surge uma psique que se inter-relaciona socialmente, simbolizando também seu contexto de vida. Entretanto, do ponto de vista do atual paradigma acadêmico-profissional, tais características são consideradas secundárias; deste modo, a saúde também é vista meramente como um funcionamento fisiológico normal.

Esta perspectiva, além de desconsiderar o corpo como fruto de seu contexto histórico e cultural, os significados e valores atribuídos ao/pelo corpo em determinada sociedade, tendem a assumir uma visão unilateral sobre a assunção de um modelo de “vida ativa” ou

comportamento ativo, transmitindo a idéia de que repousa somente na força de vontade individual a prática de atividades físicas.

Sobre este viés adotado pela educação física, [Carvalho](#) (2005) aponta que trata-se de

[...] uma saúde que se fixa em dados estatísticos, que reduz o fenômeno a uma relação causal determinada biologicamente ... e que tende a responsabilizar, única e exclusivamente, o indivíduo por sua condição de vida. Assim, a pesquisa e a intervenção dirigidas a pessoas e comunidades à margem do acesso ao trabalho, ao lazer, à educação e à saúde, por exemplo, têm sido pouco priorizadas [...] ([CARVALHO](#), p. 19, 2005)

Assim, corre-se o risco de culpabilização da vítima, quando ignora-se por exemplo as condições sócio-econômicas daquela parcela da população, excluída do acesso aos bens e serviços ofertados no campo da saúde pela iniciativa privada. Além de que a grande parte destes serviços, como ginásticas e musculação, destinam-se àqueles cujo cotidiano de trabalho já não o tenha privado de suas energias, o que exclui a parcela dos trabalhadores braçais ou que tenham jornadas muito longas de trabalho. Assim, parece que apenas “quem tem saúde pode fazer atividade física, e não que se deve fazer atividade física para se ter saúde”. Este modo de pensar exclui todo aquele que não dispõe de tempo ou dinheiro para “cultivar seu corpo”, ou sua saúde.

Mostra-se neste caso, a necessidade de uma visão globalizante do fenômeno corpo e saúde; a aproximação da educação física com os conceitos da *saúde coletiva* poderia oportunizar esta visão. Porém, o paradigma biologizante e fragmentário da educação física atual obsta a adoção destes conceitos, que se baseiam em perspectivas holísticas, e por isso também sociais e culturais.

Saúde Coletiva é compreendida como um campo de saberes e de práticas que toma como objeto as necessidades sociais de saúde, com o intuito de construir possibilidades interpretativas e explicativas dos fenômenos relativos ao processo saúde-doença, visando ampliar significados e formas de intervenção. ([CARVALHO](#), p. 20, 2005)

Pelo conceito ora apresentado, notam-se dois aspectos inter-relacionados muito interessantes para nossas reflexões, que se aproximam da necessária ruptura paradigmática anunciada pela motricidade humana:

- a saúde coletiva como um campo de saberes e práticas, que visa ampliar significados e formas de intervenção

- o intuito de construir possibilidades interpretativas e explicativas dos fenômenos relativos ao processo saúde-doença;

Quando se aponta a saúde como um campo de saberes e práticas, além de conotar a associação das teorias e das práticas, anuncia um campo em que co-existem saberes diferentes. A distância entre o campo acadêmico e profissional tende a ser diminuída quando se anuncia a necessidade de ampliar significados e intervenções.

O intuito em ‘construir possibilidades interpretativas e explicativas dos fenômenos’ entra em concordância com um modelo epistemológico complexo, onde diferentes tradições epistemológicas (métodos positivistas e métodos hermenêuticos) tenham de funcionar sem hierarquias entre si.

Segue-se uma análise mais próxima das perspectivas científicas assinaladas, enquanto abordagem e enquanto método.

Positivismo e a explicação biomédica

O positivismo, como veremos, influenciou de maneira marcante as ciências em geral e sedimentou as raízes modernas do modelo de conhecimento para a Educação Física. Observa-se no contexto histórico do século XVIII, o grande desenvolvimento do poder burguês, que “[...] demonstrou a eficácia do novo saber inaugurado pela ciência moderna no século anterior. Ciência e técnica tornam-se aliadas, provocando modificações no ambiente humano jamais suspeitadas [...]” ([ARANHA & MARTINS](#), p. 115, 1993). Era a revolução industrial, que marca o *cientificismo*, considerando a ciência como o único saber válido, devendo se estender a todo campo de entendimento e ação humana. E no bojo destas questões se desenvolve, no século XIX, o pensamento de Augusto Comte como o principal protagonista do pensamento positivista.

O positivismo compreendia a realidade positiva como verdadeira, em oposição ao quimérico, ou as concepções teológicas ou metafísicas do mundo; o positivo designa o que pode ser apreendido pelos sentidos, retomando a linha do empirismo do Século XVII, combinado ao raciocínio ([ARANHA & MARTINS, 1993](#)). É a partir de seus critérios positivos que Comte propõe uma classificação das ciências, como se segue: matemática, astronomia, física, química, biologia e sociologia, sendo esta última

compreendida como uma “física social”. Já para [Durozoi e Roussel](#), (1993) as ciências privilegiadas por Comte, por sua natureza experimental, seriam cinco, a saber: astronomia, física, química, a fisiologia e a sociologia, em ordem crescente de complexidade.

Acima de tudo, ressalta-se a idéia positivista de que nos é impossível conhecer a realidade última das coisas (a “coisa-em-si”), admitindo unicamente as certezas experimentais. Isto estimulou muito a ciência no final do século XIX, sendo que

[...] despertou o gosto pela história das ciências, e inspirou a epistemologia nascente – embora a última, contestando a linearidade do progresso científico ou o valor absoluto atribuído à ciência tenta dele se desprender a várias décadas. ([DUROZOI E ROUSSEL](#), 1993, p. 374-375).

Na concepção comteana de ciência, esta é como um saber acabado, dado à revelação, como algo que já existia. ([ARANHA & MARTINS](#), 1993).

Porém, a grande contribuição para o positivismo veio com Spencer, na vertente do positivismo evolucionista. Como pressupostos positivistas, destacam-se que:

- sendo a ciência o único saber possível, este deveria guiar toda a atividade humana, em todos os campos.

- o método da ciência é puramente descritivo, devendo mostrar as ‘relações constantes entre os fatos, ou a gênese evolutiva dos fatos complexos a partir dos fatos mais simples. ([ABBAGNANO, 2007](#))

Assim, tomando-se o positivismo como a ciência em si, e esta como o único saber legítimo, não há espaço para contribuições de outras instâncias epistêmicas. A saúde compreendida pelo conhecimento biomédico limita-se a encontrar apenas o que pode explicar, ou descobrir, como uma relação nova entre fatos que era desconhecida até então.

Quando esta atividade humana é reduzida à tecno-ciência, também se torna fácil dissimular responsabilidades sociais. A contribuição foucaultiana sobre o biopoder nunca foi tão atual; o corpo esquadrihado e disciplinado, terreno aberto aos mecanismos de controle ([FOUCAULT, 2008](#)).

O corpo e a saúde passam a ser instâncias de domínio muito mais eficazes, quanto maior o conhecimento material sobre eles. Assim, o domínio pelo corpo imposto pelo sistema capitalista, de acordo com a perspectiva adotada

por [Foucault \(2008\)](#), refuta a tese de que o corpo teria sido negado pela sociedade capitalista, em prol de um projeto idealista.

E [Foucault \(2008\)](#) ainda destaca que o conhecimento produzido sobre o corpo, foi o mesmo que permitiu sua consciência:

Como sempre, nas relações de poder, nos deparamos com fenômenos complexos que não obedecem à forma hegeliana da dialética. O domínio, a consciência de seu próprio corpo só puderam ser adquiridos pelo efeito do investimento do corpo pelo poder: a ginástica, os exercícios, o desenvolvimento muscular, a nudez, a exaltação do belo corpo [...] ([FOUCAULT](#), p. 146 2008)

Deste cenário, observa-se como a exaltação do corpo e o ideal de saúde passaram pelo projeto político de domínio. Na perspectiva de [Foucault](#), a saúde não foi individualizada, mas massificada pelos mecanismos de controle. Apesar de um ponto de vista diferente do conceito da saúde coletiva, tem-se em comum que de qualquer maneira a realidade é negligenciada em favor de um fracionamento positivista.

Sobre o tema, [Luz \(2005\)](#) apontará que

[...] por mais paradoxal que pareça a primeira vista, a própria ideologia hedonista de valorização do corpo, da individualidade, da beleza e da conservação da juventude associada à fisicultura, ensejou o aparecimento e o desenvolvimento de novas representações de corpo, indivíduo, pessoa e saudabilidade, que tendem a se opor... às representações e concepções desses temas classicamente ligados à cultura médica [...] ([LUZ, p. 49, 2005](#))

Nota-se que de maneira diversa, [Luz \(2005\)](#) coloca que estes ideais de saúde e beleza resgatam um neo-naturismo ecológico, que tende a contra-atacar a ameaça planetária representada pelo paradigma biomédico / farmacológico. Estaria na verdade a intervenção tecno-científica da educação física corroborando este ideal? Ou não seria este o ardil anunciado por [Foucault](#)?

[Werneck \(1995\)](#) coloca que a educação física vem corroborando o uso do corpo pelo poder principalmente pela sua ênfase esportivista, que incita à valorização do *corpo dócil*, do *corpo forte* e do *corpo bonito*. Segundo a autora, apoiando-se na filosofia de Thomas Hobbes, o corpo político deve integrar uma formatação do estado absoluto, e quando ele é tratado unicamente por sua realidade biológica, torna-se muito mais fácil

de manipulação, afinal o corpo “não pensa”. Vê-se, portanto, que a perspectiva positivista de ciência como porta-voz do real culmina por permitir que a explicação biomédica do corpo torne o indivíduo “coisificado”, e a saúde loteada entre diversas áreas, que brigam pelo direito de nomear sua própria relação de causa-efeito nas diversas patologias.

Em contraposição a estas formas de pensar, as ciências humanas foram um solo fértil onde, no século XX, quando a razão entra em crise e se perde a equivalência entre o real e o racional, surge o perspectivismo como crítica às verdades absolutas. Inicia-se o despontar de perspectivas compreensivistas da realidade - fenomenológicas ou hermenêuticas. A seguir, apontaremos a abordagem hermenêutica como patamar de diálogo, e as perspectivas observadas a partir da motricidade humana.

Hermenêutica e a compreensão na saúde: apontamentos para a Ciência da Motricidade Humana

Ao estabelecer-se aqui a hermenêutica como recurso metodológico escolhido para esta pesquisa, apresentam-se algumas particularidades em comum, entre a própria configuração desta metodologia e a Ciência da Motricidade Humana (CMH). Sobre a hermenêutica, [Coreth \(1973\)](#) lembra a origem grega da palavra, significando declarar, anunciar, interpretar e, por último, traduzir.

Pode-se destacar a partir destes termos que todos levam a um núcleo comum de entendimento, como “tornar algo compreensível”, o ato ou fenômeno da compreensão. Na configuração da CMH, o Prof. Manuel Sergio coloca que a aurora desta nova ciência anuncia para sua pré-ciência, a hodierna Educação Física, o deslocar do eixo epistemológico das ciências biológicas para as ciências do homem, realçando o valor da compreensão ante a explicação, enquanto procedimento hegemônico no saber científico da área até então.

Outra característica que ombreia e aproxima as investigações entre a hermenêutica e a CMH é o questionamento ontológico do homem, como destaca [Sergio \(2003b\)](#) no estudo da motricidade humana e da corporeidade; assim como aponta Heidegger, que segundo [Coreth \(1973\)](#) parte de uma compreensão inicial do ser histórico

projetado no mundo (ser-aí), chegando ao entendimento final do ser a partir da linguagem.

O termo hermenêutica pode ter surgido de Hermes, mensageiro dos deuses e criador da escrita e da leitura ([CORETH, 1973](#)). Esta origem realça o caráter inicialmente religioso desta forma de saber, compreendida aqui exatamente como uma maneira; isto é, o método.

Foi empregada como “doutrina da boa interpretação” ou “arte da compreensão” dos escritos bíblicos, uma forma de entender corretamente a palavra divina. Entretanto os questionamentos sobre o significado da compreensão histórica, fusionada a partir da aquiescência dos vários horizontes de compreensão, (livre dos condicionamentos pessoais) ou o próprio desejo de entender uma verdade universal, não são novos, antecedendo textos profanos ([CORETH, 1973](#)). Não será intuito aqui historiar sua origem; servindo a este propósito inicial compreender que a hermenêutica gradualmente secularizou-se, a partir de um movimento histórico crítico, que culminou com a contribuição de Heidegger e Gadamer.

Porém, será com Friedrich Schleiermacher que a questão do conceito de hermenêutica entrará no contexto filosófico ([CORETH, 1973](#); [RICOEUR, 1976](#)).

Para Scheiermacher, a hermenêutica é

[...] “a arte da compreensão” ou, mais exatamente, uma arte que, como tal, não visa o saber teórico, mas sim o uso prático, isto é, a *práxis* ou a técnica da boa interpretação de um texto falado ou escrito. Trata-se aí da “compreensão”, que se tornou desde então o conceito básico e a finalidade fundamental de toda questão hermenêutica. [...]. ([CORETH, 1973](#), p. 23)

Schleiermacher parte da idéia de um ‘*contexto vital*’, no qual faz a distinção entre uma compreensão “divinatória” e uma compreensão “comparativa”: a primeira, possuindo um forte componente subjetivo, significa uma adivinhação espontânea; a segunda apóia-se nos conhecimentos objetivos, ‘deduzindo o sentido a partir da comparação ou do contexto dos enunciados’ ([CORETH, 1973](#)).

Neste momento, apresenta-se aqui um conceito-chave: o *círculo hermenêutico* pressupõe que estas duas formas de compreensão devam funcionar em uma simbiose: “[...] no qual o momento divinatório significa a projeção espontânea de uma precompreensão

(sic), graças a qual se guia a elaboração comparativa [...]” como destaca [Coreth](#), (1973, p. 19). Assim, o autor destaca que para Scheiermacher, pode-se definir a hermenêutica como a ‘reconstrução histórica e divinatória, objetiva e subjetiva, de um dado discurso.’

[Ricoeur \(1976\)](#) aponta que, a partir da intenção de elucidar como deciframos o discurso escrito, a explicação e a compreensão funcionam de modo dialético, ressaltando que a dicotomia entre elas existiria em uma “hermenêutica romântica”, na qual a explicação e a compreensão representariam formas de inteligibilidade distintas. O autor apresenta uma aproximação conceitual, não uma definição estrita destes dois fenômenos:

A explicação encontra seu campo paradigmático de aplicação nas ciências naturais. Quando há factos externos a observar, hipóteses a submeter à verificação empírica, leis gerais para cobrir tais factos, teorias para conter as leis num todo sistemático, e a subordinação de generalizações empíricas a procedimentos hipotético-dedutivos, então podemos dizer que explicamos. [\(RICOEUR, 1976, p. 84\)](#)

Assim, este modelo de inteligibilidade tem a natureza como um horizonte comum de ‘fatos, leis, hipóteses e deduções.’ Sobre a compreensão, por sua vez, considera que

[...] o seu campo originário de aplicação (está) nas ciências humanas [...] onde a ciência tem a ver com a experiência de outros sujeitos ou de outras mentes semelhantes as nossas. Funda-se no caráter significativo de formas de expressão como signos fisionômicos, gestuais vocais, ou escritos, e em documentos e monumentos que partilham com a escrita o caráter geral de inscrição. [...] [\(RICOEUR, 1976, p. 84\)](#)

O autor faz ainda a ressalva acerca da escrita de documentos e monumentos, sendo que estas não são menos significativas do que tipos imediatos de expressão (a fala ou o gesto, por exemplo); pois permitem um acesso indireto às experiências de outras mentes, dada a ‘continuidade entre signos diretos e indiretos na comunicação entre nós mesmos e outras pessoas. Assim, tem sua seguridade na “empatia”, como princípio comum a toda forma de compreensão.

Observa-se neste instante mais um ponto comum de aproximação entre a hermenêutica e a CMH. Assim como a CMH, partindo do paradigma da complexidade e fenomenologia, propõe a transposição da visão cartesiana do homem - corpo biológico e alma imaterial – [\(SERGIO,](#)

[2003b\)](#), a hermenêutica de [Ricoeur \(1976\)](#) proporá um entendimento dialético entre a explicação e compreensão, que tendem a “sobrepôr-se e a transitar uma para a outra” (p. 84), superando a dicotomia encontrada na “hermenêutica romântica”; esta separação para Ricoeur é “simultaneamente epistemológica e ontológica. Opõe duas metodologias e duas esferas de realidade: a natureza e o espírito.”(1976, p. 85)

Assim, [Ricoeur \(1976\)](#) compreende as idiosincrasias de cada uma destas formas de inteligibilidade, como os processos de análise e síntese, apontando que na explicação se desdobram as proposições e significados, e na compreensão se “apreende a cadeia dos sentidos parciais como um todo, em um “acto de síntese”.

Apesar desta distinção, [Ricoeur \(1976\)](#), especificamente no caso do discurso não considera que estas diferenças obstem a simbiose dos dois fenômenos:

[...] a compreensão, que se dirige mais para a unidade intencional do discurso, e a explicação, que visa mais a estrutura analítica do texto, tendem a tornar-se os pólos distintos de uma dicotomia desenvolvida. Mas tal dicotomia não vai ao ponto de destruir a dialética inicial do significado do locutor e da enunciação (...). Da mesma maneira, a polaridade entre explicação e compreensão na leitura não deve abordar-se em termos dualistas, mas como uma dialética complexa e altamente mediada. [...] [\(RICOEUR, 1976, p. 86\)](#)

A hermenêutica assim aponta para uma epistemologia onde se observa uma aproximação entre a explicação e a compreensão, fundadas em uma ontologia de homem que não opõe estas duas formas de inteligibilidade, realçando a dialética sutil que existe entre elas.

Da observação deste cenário, onde a aproximação com a ontologia hermenêutica é oportunizada e compartilhada pela motricidade humana, pode assim o corpo ser concebido como uma totalidade, compreendendo que sua natureza material e fisiológica mostra-se insuficiente sem os significados a ela atribuídos por um sistema cultural, para se entender o fenômeno da saúde.

Como exemplo desta forma de pensar, [Porter \(1992\)](#) nos traz o exemplo de como a mesma enfermidade pode ter interpretações diferentes, dependendo de seu nicho cultural. Baseando-se no historiador e antropólogo da medicina Arthur Kleinman, aponta como o quadro sintomático de

“depressão” pode ser diagnosticado de maneiras totalmente distintas, nos Estados Unidos e na China. O americano se sentirá a vontade para procurar um psicoterapeuta, tratando seu mal como um tipo de neurose. Na China, uma pessoa que sofra com este problema será tratada como possuidora de uma desordem física, orgânica. Somente como sofredor de uma doença física

[...] é permitido ao chinês assumir o “papel de doente”, e pode, por isso, merecer simpatia e atenção. Ao contrário, se ele alegasse, como seu correspondente americano, alguma perturbação mental, teria sido uma admissão terrível e debilitante de defeito e desvio de caráter, o que lhe teria trazido estigma e desvantagens. (PORTER, 1992, p. 307)

Os diferentes significados atribuídos ao corpo, à saúde e a doença, parecem também sofrer de uma “desorientação ontológica”, nos dizeres de [Gusdorf \(1982\)](#). Pois se o desprezo medieval do corpo pelo homem parece ter sido superado, a disjunção entre a vida vivida, encarnada, e a vida exterior, pertinente a uma vida objetivada, ainda traz um conflito

[...] os homens de hoje não parecem de fato ter resolvido verdadeiramente a questão de saber se o corpo é o *mesmo* ou *um outro* de um indivíduo cujo destino está ligado a este corpo. Praticamente, tudo se passa como se o homem possuísse dois corpos; de um lado, um organismo, um objeto material, representado nos livros de anatomia, de fisiologia e de patologia, que são do domínio dos especialistas da história natural; e de outro lado, um corpo vivido, *meu corpo* que eu conheço não pelo exterior, mas de dentro. (GUSDORF, p. 128, 1982)

O maior exemplo das repercussões desta condição existencial para a saúde acontece quando a patologia, enquanto situação vivida acomete o próprio médico. O autor destaca a notoriedade de como o médico doente perde sua capacidade de diagnóstico e observação, tornando-se “[...] incapaz de se cuidar porque o corpo-objeto, o dos outros, não é, no todo, idêntico ao corpo-sujeito, o seu próprio [...]”. (GUSDORF, p. 128, 1982).

Sobre este ponto, o autor também destaca que se o estado integral da vida de uma pessoa, quando debilitado, pode torná-la propensa a adoecer, se deveria pensar que o contrário também pode curá-la; ou seja, quando seu estado integral melhorar, a moléstia tende a desaparecer mais rapidamente. Claro fica que esta integralidade só pode ser atingida quando *compreendida*, isto é, quando se leva em

consideração, e na mesma medida, a psique, os valores culturais, situação social, etc.

Assim, constata-se que a saúde quando observada a partir de um referencial analítico apenas, positivista, neutraliza as percepções individuais e inter-individuais, enquanto instâncias epistêmicas permeadas de códigos de significação, valores, e vivências passadas. Para se compreender o fenômeno da saúde, é preciso conceber o indivíduo integralmente, e tal concepção será fruto de uma dialética explicativa / compreensiva.

O discurso embasado a partir das abordagens epistemológicas deixa implícita ou explicitamente os conceitos de corpo e saúde que devem nortear as intervenções profissionais, e as conseqüências políticas e sociais dos mesmos.

Deste modo, ganha relevância o corte epistemológico proposto por [Sergio \(2003a\)](#) que, corporificado na proposta da ciência da motricidade humana, apresenta uma área de intervenção e estudos da conduta motora como promoção de saúde globalmente compreendida.

Apresenta-se a seguir uma abordagem desta proposta, a partir dos contrapontos com o paradigma vigente da educação física.

Da educação física à motricidade humana

A perspectiva da “ciência da motricidade humana”, teorizada pelo Prof. Dr. Manuel Sergio, apresenta para a comunidade acadêmica uma alternativa à problemática oriunda do cartesianismo e dos ditames biomédicos sobre os quais a área da educação física estaria radicada. Num primeiro momento de reflexão deteve-se sobre os estudos da conduta motora, na qual

[...] o Homem persegue a superação e o sonho, nomeadamente o desporto e a dança, mas sem esquecer a educação especial e a reabilitação, a ergonomia, o jogo desportivo típico do lazer e recreação e a motricidade infantil. (SERGIO, 2003a, p. 182).

Em um segundo momento de reflexão concebe que a matriz teórica da conduta motora é a motricidade humana, entendendo a educação física como a pré-ciência da Ciência da Motricidade Humana; assim, seu ramo mais conhecido, o ramo pedagógico passaria a ser denominado de educação motora.

Seus questionamentos partem da reflexão crítica sobre qual a base de conhecimento que

concederia cientificidade às faculdades de Educação Física e o seu objeto de estudo. Criticou sobremaneira a visão parcial de saúde e do conceito de Homem.

Desta maneira, a educação física balizada nas concepções clássicas de ciência deveria ser suplantada por uma visão holística e ecológica que conseguisse abordar a natureza humana dinâmica e em constante interação e auto-organização com o seu meio. Em sua crítica acerca da concepção curricular que norteava a educação física até então, aponta que:

A tradição cinquentenária de formar professores para o ensino secundário enclausurou os currículos das Faculdades de Educação física e Desporto, num pedagogismo ou num biologismo, que não se pensava epistemologicamente... (*apontando o escopo de estudos de sua proposta como*)... o desenvolvimento humano, através da motricidade, pelo estudo do corpo e das suas manifestações, na interacção dos processos biológicos com os valores socioculturais. (SERGIO, 2003a, p. 26-27)

Nota-se desta maneira que rejeita tanto o pensamento pedagogicista que coloca a área da Educação Física como sub-campo do campo pedagógico, como o pensamento biologicista que também mantém a área sob o jugo de um higienismo médico ou a serviço de um fisiologismo desportivo. Assim, somente através da assunção da integralidade do ser humano é que se pode tangenciar tal fenômeno.

Sobre o tema, [SERGIO \(1989\)](#) explica em seus primeiros estudos que somente nas ciências do homem pode radicar-se a motricidade humana, considerando esta “[...] como estrutura essencial da complexidade humana” ([SERGIO, 1989, p 84](#)).

A partir da base estabelecida pelos estudos iniciais, o autor analisou de modo crítico que a educação física, até então, nunca havia precisado se legitimar epistemologicamente, “[...] ou seja, de encontrar em si as formas e as razões da sua própria cientificidade, precisamente porque o Poder sempre se serviu dela e nunca a serviu como instrumento insubstituível de conhecimento e transformação”. (SERGIO 2003a, p.183). Desta feita, critica a busca de legitimidade pelo discurso da demanda social, apontando os limites de um papel meramente formativo, de conotação reprodutiva:

[...] Não podemos continuar com aquela tendência psicológica que adopta como critério da legitimação o interesse da juventude pelas

actividades corporais (nomeadamente o desporto); nem a tendência sociológica, que toma como critério essencial a sua importância na saúde e no lazer das populações; nem a tendência pedagógica (de que se socorrem aflitivamente todos os saberes, sem autonomia) que sublinha numa disciplina tão-só o seu valor formativo. [...] (SERGIO, 2003a, p. 183)

Assim, a Ciência da Motricidade Humana seria possível a partir de um corte epistemológico que surgiria da transição do paradigma da simplicidade para o paradigma da complexidade; [Sergio \(2003a\)](#) ilustra o cenário epistemológico que remonta a essa transição, a partir da Idade Moderna, quando a ciência ‘acomodou-se docilmente’ sob o domínio da burguesia, que, a partir de uma confrontação da natureza ou da razão ante os desígnios da Monarquia ou da Igreja, passa a ignorar paulatinamente as relações com a totalidade, ocupando-se em uma especialização dos saberes.

A transição da importância do entendimento e da manipulação da energia para o domínio da informação, da revolução industrial (a partir da segunda guerra) para a revolução informática (dos *watts* para os *bits*), denota que os referenciais de entendimento do mundo se transformaram, dando lugar a um universo incerto, onde a construção e a desconstrução adquirem a mesma importância; no âmbito da ciência, esta passa a compreender-se mais como uma criação do que como uma descoberta.

Destacando os principais pontos deste cenário, [Sergio \(2003a\)](#) aponta a passagem de “[...] uma epistemologia do objecto observado a uma epistemologia do sujeito observador [...]”; de uma “ciência da necessidade a uma ciência do jogo”, e “porque tudo está em jogo, emergem o acaso e a contingência, a crise é evidente”. (p. 189).

Portanto, ganha relevo a questão acerca da imanência e da transcendência do homem, sua existência em opostos, e conflitos próprios de nossa sociedade em constante transformação; a necessidade de compreensão do homem a partir da motricidade humana residiria nesta incompletude, justamente neste esforço pelo vir-a-ser.

Destaca-se que a abordagem proposta pela Ciência da Motricidade Humana para esta realidade/fenômeno – o homem e sua busca pela transcendência - aponta que a partir de um *método integrativo*, a explicação e a

compreensão podem engendrar-se com a mesma importância.

Apresenta-se, por fim, algumas reflexões sobre as possibilidades de pensar o tema do corpo e da saúde, a partir do referencial epistemológico adotado pela motricidade humana.

Considerações finais

Ciência, corpo e saúde na Motricidade humana

A concepção de corpo a partir da CMH ganha relevo a partir da crítica à “interpretação clássica”, na qual a materialidade do corpo é concebida como limite. Compreende o avanço necessário à compreensão do homem a partir da motricidade humana, rompendo com os efeitos da profunda distinção entre *res cogita* e *res extensa*, que apregoam que a mente deva ser estudada “[...] através da introspecção e o corpo de acordo com os métodos específicos das ciências da natureza”. (SERGIO, 2003b, p. 181).

Na compreensão do homem como um ser prático, não especializado e carenciado, têm-se a motricidade como a própria energia e apelo à transcendência, ao adaptar-se ao ambiente variável do mundo; concebe então a motricidade como próprio ‘estatuto ontológico’; “[...] processo criativo de um ser em que as práxis lúdicas, agonísticas, simbólicas e produtivas traduzem a vontade e as condições de o Homem se realizar como sujeito, ou seja, como autor responsável dos seus atos”. (SERGIO, 1989, p.83). Assim, da equivalência entre corporeidade e motricidade, podemos conceber que o conceito de corpo a partir da Ciência Motricidade Humana propõe uma compreensão do próprio homem a partir de sua condição corpórea e da intencionalidade dos atos imanentes a esta condição, que simultaneamente também constroem esta condição de modo transcendente.

O corpo assim passa a significar uma revolução de valores também, quando traz consigo a cisão das tradicionais dicotomias natureza/cultura, razão/emoção, teoria/prática, entre outras. Tais dicotomias mostram raízes antigas, como destaca Sergio (2003b), ao apontar a distinção entre a *physis* e o *logos*, perpetuada em nossa tradição intelectual; esta distinção opera a uma hierarquização de valores para o homem moderno:

A definição do homem, como “animal racional”, sublinha bem o valor do *logos* e o pouco valor da *physis* que deveria ser conduzida pela razão, já que na *physis* se integravam também os sentimentos, as emoções, o sonho, a fantasia e o imaginário. (SERGIO, 2003b, p. 11)

Esta distinção perpetuou-se na modernidade fazendo surgir, neste período, a educação física, com o intuito de cuidar do corpo físico do homem; “[...] de facto, a educação física desponta do dualismo antropológico cartesiano e visa à criação do “homem-máquina”. (SERGIO, 2003b, p. 12). O autor aponta ainda que, de certa maneira, a intenção de se “cuidar do corpo físico”, natural, apresenta o limite da época, pois o “corpo-cultura” ainda não era conhecido.

Entretanto, Sergio (2003b) também permite uma ressalva acerca do excesso; o corpo manipulável, nas mãos da ciência, pode forjar um corpo pós-moderno, o corpo *cyborg*, que prescinde a fusão de partes mecânicas, dada a existência de um *design* tecnológico do corpo. Assim, na CMH o corpo poderia perspectivar um espaço de diálogo entre os discursos oriundos do idealismo e do materialismo, a partir dos quais as modernas neurociências, a biotecnologia e as diversas vertentes psicológicas e filosóficas poderão expressar-se.

Neste sentido o pensamento de Gusdorf (1960) permite desmascarar a dualidade ontológica, a partir de uma perspectiva fenomenológica sobre a suposta neutralidade científica, que aparece com a objetivação do corpo:

“A dualidade substancial do corpo e do organismo parece que, deste modo, se resolve em simples diferença de perspectiva entre ciência e consciência. Ora, a ciência é um momento da consciência. Se meu pensamento, minha consciência vivida é uma rede de inteligibilidade, também meu corpo constitui uma rede de inteligibilidade [...] os hormônios não são somente dados biológicos, senão que entraram de maneira mais ou menos precisa no campo da consciência individual, e intervêm na intimidade da relação vivida de cada homem com seu corpo.” (GUSDORF, p. 280, 1960)

A aproximação e o entrecruzar de saberes epistêmicos distintos, como exemplificado por Gusdorf, mostra que os avanços científicos modificam as relações históricas e sociais do homem, sua consciência, tanto quanto a simbolização destes avanços também modifica a realidade objetiva da própria ciência. Quando o autor aponta a ciência como um momento de consciência, pode-se inferir a dimensão artesanal

da atividade científica como um construto humano.

A dicotomia ontológica do homem tem como consequência o já mencionado loteamento da saúde, relembrando que a questão da fragmentação do conhecimento não está em sua especialização, mas sim na falta de aquiescências conceituais mínimas entre as áreas ([GREENDORFER, 1987](#))

O olhar que busca a apreensão global do fenômeno tende a conjugar todas as dimensões do indivíduo na configuração do seu estado, saudável ou não; inclusive, levando em consideração seu nicho social, valores culturais e morais.

A enfermidade não pode ser compreendida como agressão puramente física ou biológica, como ataque material à integridade orgânica. Ela traz à arena do debate a personalidade inteira, que, na medida de suas posses, resiste ao agente patogênico. ([GUSDORF, p. 286, 1960](#))

Desta maneira, se estaria relativizando a noção causal, para a compreensão da abrangência do fenômeno.

Para além do duplo jogo dos sintomas orgânicos ou psíquicos, há uma essência normativa da saúde ou da enfermidade, essência esta que define a personalidade própria de cada homem, e que ele nunca logrará medir com exatidão. Por outras palavras, admitia-se outrora que fulano ou sicrano possuía mau-caráter por ser doente do estômago. De pouco ou nada serviria inverter os termos e dizer que ele está doente do estômago por ter mau caráter. O caráter e a doença tem aqui a mesma significação: dão-se-nos como duas expressões de uma situação vivida mal emprenhada na existência e como que em equilíbrio instável. O laço causal cede o lugar ao reconhecimento da unidade de intenção ([GUSDORF, p. 288, 1960](#))

Quando trazemos esta situação para a intervenção a partir da atividade física – se estará aqui utilizando o vocabulário pertinente à educação física atual – que cenários podemos imaginar a partir disto?

O tema levantado no início de nossa comunicação, sobre atividade física e saúde, nos leva a algumas questões que merecem aprofundamentos:

- o que concorre para que uma pessoa adquira um comportamento ativo e passe a tomá-lo como hábito, e outra pessoa não? Sem dúvida, a esta altura do texto, espera-se que já se note o número de fatores a se considerar, muito além da indolência.

- quais as diferenças intrínsecas entre os diversos tipos de comportamentos motores que compõe nossa cultura (lutas corporais, danças, esportes, jogos, etc.) no âmbito existencial; isto é, o que significam para a existência de quem se empenha nestas vivências? Pois se admitimos que, quando se move, a pessoa denuncia um pouco de sua personalidade (seja um traço momentâneo de seu estado, ou de seu caráter profundo), é plausível concordar que a recíproca entre o gesto e o indivíduo seja verdadeira.

Assim, o que de fato sabemos sobre a influência da prática sistemática de determinados gestos, componentes de um sistema próprio de significados? O que torna alguém um(a) ginasta, um(a) lutador(a), um(a) bailarino(a), ou uma mergulhador(a)?

- Considerando o grande número de pessoas que ingressam no “culto exacerbado do corpo” (obviamente considerado aqui como parcela fragmentada do eu, em algum nível patológico) e para isso degradam-se em práticas excessivas, dietas, e uso indiscriminado de substâncias, claro fica que não se pode advogar de maneira inocente que atividade física sempre promovia a saúde. O exemplo ganha relevo quando levamos em conta a população olímpica, que se movimenta muito mais do que o resto do planeta, mas também recordista no uso de drogas, cirurgias e quadros de depressão e estresse. Qual a exata ordem, ou parâmetros para conceituar a relação entre movimento e saúde?

Assumindo-se assim o projeto da ciência da motricidade humana e o corte epistemológico proposto, pode-se vislumbrar um universo de possibilidades a serem exploradas, revestindo-se tal labor de grande audácia.

A condição ontológica do homem a partir da CMH apresenta assim a necessidade de uma revisão curricular dos saberes que norteiam as disciplinas científicas e as áreas de conhecimento, dada a ruptura e a hierarquia entre os saberes intelectuais ou cognitivos em detrimento dos saberes práticos. Assim, intelectualidade, arte, e as diversas formas de saber gozarão de equidade nas instâncias acadêmicas.

A compreensão da necessidade de estabelecer mediações proposta pela CMH entre as tradicionais disciplinas de sua pré-ciência, a educação física, mostra que a ruptura não propõe a negação dos conhecimentos constituídos até então, mas um novo olhar sobre eles.

Referências

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ARANHA, M. L.A. & MARTINS, M. H. P. **Filosofando – Introdução à Filosofia**. São Paulo: 2 ed., Editora Moderna, 1993.
- BETTI, M. **Educação física e sociedade**. São Paulo: Movimento, 1991.
- BETTI, M. **Por uma teoria da prática**. Artigo publicado na Motus Corpori, Rio de Janeiro, vol. 3 n. 2, 1996.
- BRACHT, V. **Identidade e Crise na Educação física – um enfoque epistemológico**. In: BRACHT, V.; CRISÓRIO, R. (coord.) *A educação física no Brasil e na Argentina – identidade, desafios e perspectivas*. Cap 1, Parte I. p. 13-29; Campinas, Editora Autores Associados, 2003.
- BRASIL. CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. **Resolução CNE/CES n. 07** de 31 de março de 2004.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Lisboa, Difel, 1989.
- BOURDIEU, P. **Os usos sociais da ciência**: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Editora UNESP, 2004.
- CAMPOS, A. P. **A construção do campo acadêmico da educação física brasileira**: análise da Escola de Educação física e Esporte da Universidade de São Paulo. Dissertação (mestrado) Rio Claro, Instituto de Biociências da Universidade Estadual Julho de Mesquita - UNESP, 2003.
- CARVALHO, Y.M. **Educação física e saúde coletiva**: uma introdução. In: LUZ, M. *Novos saberes e práticas em saúde coletiva – estudo sobre racionalidades médicas e atividades corporais*. 2ª ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2005.
- CASTELANI FILHO, L. **Educação física no Brasil**. A história que não se conta. Campinas: Papirus, 1994.
- CHALMERS, A. **A fabricação da ciência**. Fundação Editora da Unesp, São Paulo, 1994.
- CHALMERS, A. **O que é ciência afinal?** Editora Brasiliense, Brasília, 1982.
- CORETH, E. **Questões fundamentais de hermenêutica**. E.P.U Editora da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1973
- DUROZOI, G.; ROUSSEL, A. **Dicionário de Filosofia**. Campinas, SP: Papirus, 1993
- FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 25ª ed. São Paulo: Edições Graal, 2008.
- GREENDORFER, S. L. **Specialization, fragmentation, integration, discipline, profession: what is the real issue?** Quest, v. 39, p. 56-64, 1987.
- GUSDORF, G. **Tratado de metafísica**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1960.
- GUSDORF, G. **A agonia da nossa civilização**. São Paulo: Editora Convívio, 1982.
- LOUZADA, R. de C. R.; FILHO, J. F. da S. **Pós-graduação e trabalho**: um estudo sobre projetos e expectativas de doutorandos brasileiros. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, v. 12, n. 2, p. 265-82, maio-ago. 2005.
- LUZ, M. **Novos saberes e práticas em saúde coletiva – estudo sobre racionalidades médicas e atividades corporais**. 2ª ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2005.
- MACHADO NETO, A., L. **Formação e Temática da Sociologia do Conhecimento**. São Paulo, Editora Convívio / Editora da Universidade de São Paulo (EDUSP), 1979.
- NOVAES, C.R.B. **Formação, conhecimento e identidade: o programa de pós graduação em Ciências da Motricidade na UNESP / RC**. Dissertação (mestrado). 2006 (242 f.) – Universidade Estadual Paulista. Instituto de Biociências, Rio Claro / SP
- OLIVEIRA, V. M. de. **O que é educação física**. São Paulo: Brasiliense, 2001.
- PAIVA, F., S., L. **A Constituição do Campo da Educação física no Brasil: ponderações acerca de sua especificidade e autonomia**. In: BRACHT, V.; CRISÓRIO, R. (coord.) *A educação física no Brasil e na Argentina – identidade, desafios e perspectivas*. Cap 1, Parte II., p. 63-80; Campinas, Editora Autores Associados, 2003.
- PORTER, R. **História do corpo**. (p. 291-326) In: BURKE, P. *A escrita da história – novas perspectivas*. 1ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 1992
- RICOEUR, P. **Teoria da interpretação – O discurso e o excesso de significação**. Edições 70: Rio de Janeiro, 1976.
- SERGIO, M. **Educação física ou Ciência da Motricidade humana?** Campinas, São Paulo: Papirus, 1989.

SERGIO, M. **Um corte epistemológico – da educação física à motricidade humana.** 2ª ed. Lisboa: Instituto Piaget, 2003a

SERGIO, M. **Alguns olhares sobre o corpo.** Coleção epistemologia e sociedade. Instituto Piaget: Lisboa: 2003b

TANI, G. **Cinesiologia, Educação física e esporte: ordem emanante do caos na estrutura acadêmica.** Artigo publicado na Motus Corpori, Rio de Janeiro, vol. 3, n. 2, 1996.

WERNECK, C. L. G. **O uso do corpo pelo jogo de poder na Educação física** Dissertação (mestrado) 1995. (180 pág.) – Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) Escola de Educação física, Belo Horizonte / MG.

Endereço:

Caio Rotta Bradbury Novaes
Rua Dom João de Castro, n. 22 apto 2E.
Largo do Rio Seco
Ajuda Lisboa Portugal
e-mail: caionovaes@bol.com.br

Recebido em: 1 de novembro de 2008.

Aceito em: 30 de março de 2009.



Motriz. Revista de Educação Física. UNESP, Rio Claro, SP, Brasil - eISSN: 1980-6574 - está licenciada sob [Licença Creative Commons](#)